

## PRESENTIFICANDO O PASSADO

Aprender e compreender os meandros do processo histórico que, através da atuação de seus personagens-docentes, deram forma, conteúdo e dinâmica ao Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia é um intento materializado na leitura deste número da *Revista de Ciências Médicas e Biológicas*, intitulado “ICS: emérita memória”, organizado pelo Professor Roberto Paulo Correia de Araújo, seu Editor Científico. Para este Número 1, do Volume 23, do referido periódico, comemorativo de seus 21 anos de existência, tenho a satisfação de apresentar este texto, elaborado à guisa de Prefácio.

Há tradições que não ferem a modernidade: ao contrário, enriquecem-na. A homenagem aos antepassados, aos veneráveis, aos sábios longevos, na antiguidade e em várias culturas, muito tem a nos ensinar. Na atualidade, a exaltação dos “heróis” que emergem do cinema, da televisão do esporte e até da política, nem sempre amparada em sua sapiência ou atuação meritória, está bastante distante do culto à sabedoria, ao engenho e à arte que, antes, distinguia alguns cidadãos entre seus pares. Mercê da superficialidade e efemeridade com que se entronizam e destituem os heróis de nosso tempo, há sempre algo a aprender com a observação dos costumes e dos valores que desfilam ante nossos olhos. E, nesse último caso, podemos verificar que nossos heróis atuais são consagrados, mormente, enquanto ainda vivem e podem usufruir do reconhecimento – merecido ou não – de seu esforço, sua grandiosidade, ou sua dedicação ao campo ao qual doaram o que consideram ou é o considerado o melhor de si.

No campo da ciência e do fazer acadêmico, consagrou-se a cultura da homenagem a seus mais ilustres representantes através do título de emérito, tradição mantida e nem sempre valorizada como devia. E devia sê-lo pelo fato de que o conhecimento da história de uma instituição e dos que a fizeram constitui fonte de estímulo para os que, neófitos, nela estão ingressando para continuá-la. Com efeito, o atual dicionário Houaiss define como emérito aquele “...*que se aposentou e desfruta dos rendimentos e honras do emprego. Grande especialista em uma ciência ou arte; sábio, sublime, eminente. Diz-se do título universitário conferido a professor que, por seu saber, distinguiu-se ao ministrar determinada matéria insigne.*”

Assim, quero lhes apresentar uma pequena amostra do que nos ensinam alguns eméritos antecessores nossos na docência desta universidade: os professores Penildon Silva, Jutorib de Oliveira Lima e Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa.

Além do título de Emérito, o Professor **Penildon Silva** ostenta as características de um verdadeiro educador, reveladas nas concepções de educação e de ensino presentes em seu discurso. Segundo ele, “... a estratégia da aprendizagem deve iniciar-se na alegria e florescer, no deslumbramento.” Ou seja, ao esforço despendido na aprendizagem, importa acrescentar a importância da curiosidade pelo desconhecido, o prazer da busca e a alegria da descoberta.

Mais adiante, em seu discurso, ele reforça essas características do processo de ensino-aprendizagem: “Da interação professor-aluno, a transferência do conhecimento se faz com o impulso do entusiasmo e o desafio das interrogações.”

Sobre a arte de ensinar, declara com sabedoria, que

Ensinar e aprender não se assemelham a induzir uma reação química. Seriam mais como pintar um quadro, compor uma música ou, em planos mais simples, plantar um jardim ou escrever uma carta amiga.

E, finalmente, destaco a primorosa asserção:

Muito do conteúdo formal das várias disciplinas pode ser transmitido pelas máquinas e computadores, como, por exemplo, tabelas, fórmulas, classificações, etc. Entretanto, a relação entre as partes, as suposições de causas e efeitos, a criação de hipóteses, isto tudo constitui a porção mais delicada da formação intelectual e só pode ser resolvida pelo professor que tem imaginação. A imaginação preenche o espírito, anima o professor e delicia os alunos.

Mas o amor ao fazer, no seu sentido profundo, em alguns momentos, tem sido banido de nossas lides, substituído por cega racionalidade no exercício profissional e pela submissão à lógica do mercado de trabalho. E eis que o Professor **Jutorib de Oliveira Lima**, Emérito Docente, nos restitui um sentimento perdido ou esquecido, ao afirmar que “É na realidade, o amor, a paixão, que nos entretém o ideal. Quando qualquer função vital é realizada sem amor, sem paixão, perdemos o interesse...”

E quanto ao ofício do professor, ele ensina:

A carreira do magistério é árdua, íngreme, cheias de ‘zonas’ estreitas e largas, repletas de lutas aguerridas, sem compensação financeira, mas é também uma luta benfazeja, na qual o objetivo é o ideal de ser bom mestre, saber transmitir, saber pesquisar, saber conquistar alunos e colegas, enfrentar os cargos universitários com dedicação ímpar e com amor... [...] Não há dúvida: quando atuamos com fé, com dedicação, com amor, temos sempre a maior das compensações: a certeza do dever cumprido.

Finalmente, podemos ouvir as palavras do Professor **Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa**, que não pôde se ver consagrado Professor Emérito em vida. Mas seu pensamento foi resgatado a partir da publicação de seu discurso de posse como Magnífico Reitor da UFBA. Dele destaco um trecho que encerra este pequeno colar de sábias lições:

O desempenho da missão universitária começa com a formação do estudante, que é na realidade, a matéria prima e o objetivo fundamental do ensino. Afinal de contas, etimologicamente, educar significa retirar de dentro, a partir das potencialidades do aluno.

Profa. Ana Maria de Carvalho Luz  
Professor Adjunto (aposentada)  
Faculdade de Educação  
Universidade Federal da Bahia